

Oração semanal

(5ª-feira da Oitava da Páscoa)

Serra do Pilar, 25 abril 2019

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. **Ámen!**

P. Estamos, Senhor, reunidos em teu nome;
fica connosco (Lc 24,29), Aleluia, Aleluia!

R. **E desça sobre nós a tua bênção, Aleluia !**

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito do Pai e do Filho!

R. **Glória ao Senhor, que nos dá o seu Espírito** (1Ts 4,8)!

Leitura do Livro dos Atos dos Apóstolos (2,36-41)

No dia de Pentecostes, disse Pedro aos judeus: *Saiba com absoluta certeza toda a Casa de Israel que Deus fez Senhor e Messias esse Jesus que vós crucificastes.* Ouvindo isto, sentiram todos os coração trespassado e perguntaram a Pedro e aos outros Apóstolos: *Que havemos de fazer, irmãos?* Pedro respondeu-lhes: *Convertei-vos e peça cada um de vós o Batismo em nome de Jesus Cristo, para vos serem perdoados os pecados. Recebereis então o dom do Espírito Santo, porque a promessa desse dom é para vós, para os vossos filhos e para quantos de longe ouvirem o apelo do Senhor, nosso Deus.* E com muitas outras palavras os persuadia e exortava, dizendo: *Salvai-vos desta geração perversa.* Os que aceitaram as palavras de Pedro receberam o Batismo e naquele dia juntaram-se aos discípulos cerca de três mil pessoas.

Salmo 114 - Hino pascal

Aleluia!

Quando Israel saiu do Egito,
estava Jacob em terra estrangeira,

Judá transformou-se no seu santuário
e Israel no seu domínio.

À vista disso, o mar afastou-se
e o rio Jordão voltou lá p'ra trás.
Os montes saltaram como carneiros
e as colinas como cordeiros.

Que tens tu, ó mar, que foges assim?
Que tens tu, ó Jordão, p'ra voltar para trás?
Saltais, ó montes, como carneiros, porquê?
E vós, colinas, como cordeiros?

Treme, ó terra, que vem o Senhor!,
treme com o rosto do Deus de Jacob!
Transforma as rochas em grandes lagoas
e as pedras miúdas em nascente d'águas!

Glória ao Senhor, nosso Pai,
e ao seu filho Jesus Cristo, o Senhor;
Glória ao Espírito, nossa força,
que nos dá sua Graça até ao fim!

Deus ressuscitou-o!

De diversas maneiras e com linguagens diferentes, todos confessam o mesmo: "A morte não pôde com Jesus. O crucificado está vivo. Deus ressuscitou-o". Os seguidores de Jesus sabiam que estavam a falar de uma coisa que superava tudo o que era humano. Ninguém sabia exactamente, por experiência, o que acontecia na morte, e menos ainda o que podia acontecer a um morto se fosse ressuscitado por Deus depois da morte. Contudo, bem depressa conseguiram condensar em fórmulas singelas o mais essencial da sua fé. Em fórmulas breves e muito sólidas que circulavam já entre os anos 35 e 40 pelos cristãos da primeira geração. Usavam-nas talvez para transmitirem a sua fé aos novos crentes, para proclamarem a sua alegria nas celebrações e, provavelmente, para

reafirmarem a sua adesão a Cristo nos momentos de perseguição. O que eles professavam era isto: "Deus ressuscitou a Jesus de entre os mortos". Não ficara passivo diante da sua morte. Interviera para o arrancar do poder da morte. Expressavam a ideia da ressurreição com dois termos: "acordar" e "levantar". O que sugeriam essas duas metáforas era impressionante e grandioso. Deus tinha descido até ao próprio *sheol*, tinha-se adentrado no país da morte, onde tudo era escuridão, silêncio e solidão. Era lá que jaziam os mortos, cobertos de pó e adormecidos no sono da morte. De entre eles, Deus "tinha acordado" Jesus, o crucificado, tinha-o posto de pé, "levantando-o" para a vida.

Bem depressa surgiram outras fórmulas em que se professava que "Jesus morreu e ressuscitou". Já não se falava da intervenção de Deus. A atenção voltava-se agora para o próprio Jesus. Era ele quem tinha acordado e se tinha levantado da morte, mas, na realidade, tudo se devia a Deus. Se estava acordado, era porque Deus o tinha acordado; se estava de pé, era porque Deus o tinha levantado; se estava cheio de vida, era porque Deus lhe tinha infundido a sua. Na origem, estava sempre suposta a ação amorosa de Deus, seu Pai.

Em todas essas fórmulas, os cristãos falavam da "ressurreição" de Jesus. Mas, já nessa época, encontramos também cânticos e hinos litúrgicos em que se aclamava a Deus por ter exaltado e glorificado a Jesus como Senhor depois da morte. Neles não se falava de "ressurreição". Nesses hinos, nascidos do primeiro entusiasmo das comunidades cristãs, os crentes exprimiam-se através de outro esquema mental e outra linguagem: Deus "exaltou" a Jesus, "elevou-o à sua glória", "sentou-o à direita do seu trono" e "constituiu-o Senhor".

Essa linguagem é tão antiga como aquela que fala de "ressurreição". Para os primeiros cristãos, a exaltação de Jesus à glória do Pai não era uma coisa que acontecera depois da ressurreição; mas outra maneira de afirmar o que Deus fizera com o crucificado. "Ressuscitar" era já ser exaltado, isto é, ser introduzido na vida do mesmo Deus. "Ser exaltado" era ressuscitar, ser arrancado do poder da morte. As duas linguagens enriquecem-se e complementam-se mutuamente para sugerir a ação de Deus no morto Jesus.

A profissão de fé mais importante e significativa encontramos-na numa carta que Paulo de Tarso escreveu, por volta do ano 55/56, à Comunidade

cristã de Corinto, uma cidade cosmopolita onde conviviam, numa estranha mistura, diferentes religiões helénicas e orientais, com os seus diferentes templos levantados a Ísis, Sérapis, Zeus, Afrodite, Asclépio e Cibeles. Paulo animava-os a permanecerem fiéis ao evangelho que lhes tinha ensinado aquando da sua visita no ano 51: essa "Boa Notícia" era "o que vos estava a salvar". Essa "notícia" não era uma invenção de Paulo. Era uma doutrina que ele próprio tinha recebido, mas que agora estava a transmitir-lhes fielmente juntamente com outros pregadores de grande prestígio que viviam e anunciavam a mesma fé: "Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu próprio recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; apareceu a Cefas e depois aos Doze".

(José Antonio Pagola — *Jesus, uma abordagem histórica*, pp. 428-432)

Oração final

Senhor, nosso Deus e Pai nosso!
Dá às tuas Comunidades e Assembleias
que, de oito em oito dias,
desde aquele *Primeiro Dia da Semana*
- o primeiro *Oitavo Dia* do Tempo Novo -
até estes dias que são os nossos,
ininterruptamente testemunham a novidade da Ressurreição,
a coragem, o desassombro e a alegria do testemunho;
que, como os Apóstolos,
 façamos o que dizemos,
digamos o que vimos e ouvimos
e transmitamos o que recebemos,
nós que nos alimentamos
no Partir do Pão em que te reconhecemos
e no Vinho Novo que nos alimenta,
Domingo a Domingo, Páscoa a Páscoa!
Ámen!